

Pirâmides egípcias: representações na contemporaneidade

Ana Paula de A. L. de Jesus¹

Introdução

O Egito contemporâneo é palco de uma, se não a mais significativa mudança política dos últimos tempos, após um regime autoritário e ditatorial que perdurou por três décadas, a população, em sua maioria jovem, conseguiu derrubar o governante Hosni Mubarak. Dentre as várias motivações estão: a alta inflação, o desemprego, a corrupção e a falta de perspectiva de melhora a um povo que não tem condição de adquirir itens básicos para sobrevivência. Em meio a este conflito uma cena nos chama a atenção, a tentativa dos egípcios de preservar a integridade do Museu do Cairo. Foram contabilizadas cinquenta e quatro peças furtadas do museu ao longo do conflito que certamente sem a atitude notável da população e o apoio da mídia (com transmissões em tempo real) instigando o apoio mundial em defesa ao patrimônio egípcio, estes números poderiam ter sido piores. (CARRION, 2011:1)

A história egípcia está marcada pelas apropriações que ocorreram desde as dominações² na antiguidade, como resultado disto, seus imponentes monumentos, estatuárias, objetos de uso cotidiano e até mesmo seus mortos (múmias) encontram-se espalhados pelos principais museus mundiais como também em coleções particulares passadas através de gerações.

A partir do séc XVIII, a realeza europeia abriu ao público suas coleções particulares tornando-os Museus Nacionais (ex. Louvre), dominando o mundo das artes. A prática do colecionismo em diante resultará do pensamento evolucionista vigente do século XIX que pretendia classificar e ordenar o mundo tendo em suas extremidades, a barbárie e a civilização. Com estes estágios de evolução tecnológicos tão diversos, colecionar tornou-se uma tentativa de preservação dos mais diferentes períodos, “*povos adultos*” e outros na “*infância da humanidade*”. (SCHWARCZ, 2008: 125).

¹ Bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduanda em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do Grupo Africanidades, Ideologias e Cotidiano (AIC-PUCRS). Membro da Comissão de Estudos e Jornadas de História Antiga (CEJHA-PUCRS). Email: ana.amonra@gmail.com

² Principalmente com o imperador romano Augustos, que levou a Roma os grandes obeliscos egípcios. (BAKOS:2004, 10)

No Brasil, o Museu Real é o marco inicial de criação de museus. Fundado em 1818, formou-se a partir da união do núcleo original de acervos trazidos pela Coroa portuguesa e a Casa dos Pássaros com o intuito de identificar e catalogar as coleções regionais enviadas de cada província. Ao longo do século XIX, o Museu Real mudou seu status tornando-se Museu Imperial, e em 1821 em Museu Nacional. A “*era dos museus brasileiros*” foi neste período com a emergência de novas instituições como o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e o Museu Paulista (1894). (MACHADO, 2005:137)

O auge da corrida dos colecionadores em adquirir artefatos egípcios se deve à decifração da famosa Pedra de Roseta, por Champollion³ em 1821. A decifração⁴ só foi possível após a descoberta da pedra em 1799, realizada pelos soldados de Napoleão Bonaparte, em Roseta⁵. Napoleão havia desembarcado em Alexandria em 1 de julho de 1798. Com sua frota composta de 400 navios e quase 55 mil homens, dentre estes, a bordo a elite científica e cultural francesa de sua época. Assume o controle do rio Nilo com a missão de por fim a supremacia inglesa⁶ no Próximo Oriente. Em 21 de julho do ano corrente se trava a famosa batalha das Pirâmides. A missão napoleônica teve maior importância científica/cultural do que propriamente militar. O Egito tornou-se popular após o retorno de Napoleão à França e a publicação do livro *Description de l’Egypte*, em 1809, com as observações feitas pela equipe científica que o acompanhava.

Com o interesse crescente por objetos originais egípcios e o alto custo na aquisição e traslado, criou-se um novo segmento na Europa. A fim de suprir esta demanda, consistia em réplicas de objetos, que mais tarde deram início a novos objetos criados e inspirados no estilo egípcio, trazendo signos com a pompa estética da época.

³ Jean-François Champollion (1790 /1832).

⁴ A Pedra de Roseta possui três escritas: 14 linhas em hieróglifos, 32 linhas em demótico e 54 linhas em grego. A decifração da Pedra de Roseta é considerada o marco inicial da egiptologia. (BAKOS,1996)

⁵ Cidade de Roseta, (*Rashid*), no Delta do Nilo.

⁶ O intuito de Napoleão era tomar o controle da rota por terra em direção da Índia, prejudicando a economia inglesa.

Por vezes estes objetos são denominados *neoegepcios*⁷ ou *pseudo-egipcios*⁸, mas contudo fazem parte do fenômeno da egiptomania⁹.

Pirâmides de Mestre Valentim

No Brasil com os preparativos para a chegada da Família Real portuguesa nas reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro, a egiptomania¹⁰ inicia-se a partir da construção do imaginário brasileiro sobre as pirâmides através dos monumentos criados por Mestre Valentim. Valentim da Fonseca e Silva, o Mestre Valentim, nasceu por volta de 1745 em Minas Gerais e instalou-se no Rio de Janeiro entre os anos 1765 e 1766. Não se sabe ao certo como adquiriu conhecimento artístico, se com os artistas provenientes de Minas Gerais ou com os próprios cariocas. (FARIA, 2009:1).

Dentre os artistas do período, destacou-se como sendo um artista de estilo híbrido, que conciliava formas barrocas e rococós com certa sobriedade neoclássica. Mas foi durante o vice-reinado de Luís de Vasconcelos e Sousa (1779/1790), que Valentim foi contratado para criar o Passeio Público do Rio de Janeiro inaugurado em 1783 como uma obra pública, fazendo parte do início da reurbanização do Rio de Janeiro onde transformava áreas marginalizadas em próprias para o lazer local, como também de saneamento e abastecimento de água.

As pirâmides do Passeio público foram esculpidas no ano de 1806 em granito. Cada pirâmide possui um medalhão em mármore branco com os seguintes dizeres: À Saudade do Rio (esq), Ao Amor do Público (dir). As pirâmides se localizam em frente ao Chafariz dos Jacarandás, sua construção foi durante o governo do Conde dos Arcos¹¹ sendo as últimas obras oferecidas por Mestre Valentim ao parque.

⁷ Denominação utilizada para definir objetos da *arte décor* com motivos egípcios. (AD/ANTIQUES n°4)

⁸ Termo utilizado para definir as cópias pictóricas egípcias. (Catálogo Neus Museum Berlin).

⁹ “reinterpretação e re-elaboração de elementos” (BAKOS, 2004:12)

¹⁰ Projeto Egiptomania no Brasil séc. XVIII, XIX, XX e XXI, criado pela Profa Dra. Margaret Bakos em 1995 na PUCRS.

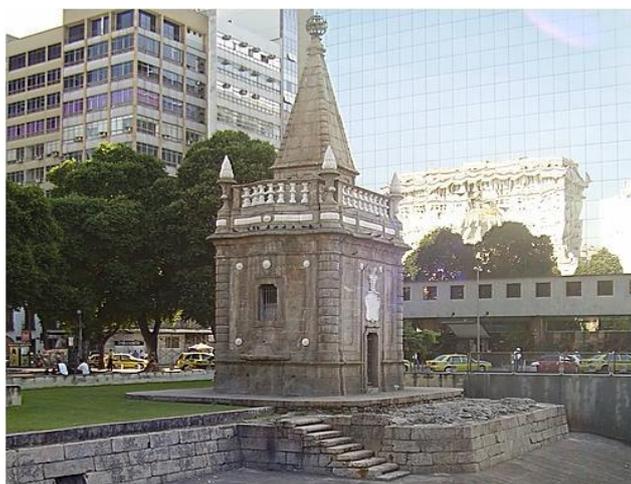
¹¹ Dom Marcos de Noronha, décimo - quinto e último Vice-Rei do Brasil, que governava por ocasião da vinda da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro.



Pirâmides do Passeio Público

Dentre suas obras de ordem pública, os chafarizes foram os primeiros equipamentos instalados a permitir que os habitantes da colônia tivessem acesso à água, isso contribuiu para o desenvolvimento urbano. O chafariz da Pirâmide, originalmente chamado de Chafariz do Carmo

(criado tendo como moldes o chafariz de Lisboa), foi construído por Valentim em 1779 no antigo Largo do Carmo onde atualmente é a Praça XV. (FARIA, 2009:2) Sua forma chama a atenção pela torre piramidal acima da base, onde em seu cume encontra-se o globo terrestre, como afirma Moreira: *“representado pelos paralelos e meridianos que simbolizava o poderio do Rei de Portugal ao redor do mundo. Na face que dá para o mar vêem-se as armas do Vice-Rei, acompanhadas de uma inscrição latina”*¹².



Chafariz da Pirâmide

¹² MOREIRA, Jane Bonsucesso. Disponível em: <http://www.marcellio.com/rio/> Data de acesso: 15/01/2009 Horário: 19h20min.

As pirâmides do Egito eram utilizadas para sepultar os faraós, que acreditavam que na pós-morte necessitariam do corpo, e por isso a preocupação de mantê-lo intacto e em segurança. O nome pirâmide “*dada aos túmulos faraônicos do Império Antigo é de origem grega (pyramis), aludindo à semelhança entre os característicos monumentos funerários e um determinado tipo de bolo*”.(ARAÚJO,1992:53) Sua função era de centralizar o poder político e religioso na imagem do faraó.

As obras de Mestre Valentim contribuíram na formação do imaginário brasileiro sobre o Egito antigo no período colonial, de maneira que mesmo afastando do seu real significado e importância, mantém vivo em granito traços da maior civilização africana antiga que já existiu.

O Egito vem ao Brasil

O interesse e a busca pelos tesouros e o exótico em terras longínquas também abalizaram a sociedade *tupiniquim* do século XIX, as viagens tornaram-se sinônimo de elite intelectualizada e status social. E ainda assim, para aqueles que não tinham a oportunidade de viajar, havia indivíduos como o italiano Nicolau Fiengo que negociavam antiguidades pelo mundo. Como evidencia Moacir Elias Santos: “(...) *Nicolau Fiengo partiu de Marselha com destino à América do Sul. Por motivo de bloqueio no Rio da Prata, o italiano não conseguiu realizar nenhum negócio na Argentina, provável país onde celebraria a venda de artefatos*”. Fiengo desembarcou do navio francês *Gustave Annce* no Rio de Janeiro em 14 de junho de 1826. (SANTOS, 2005: 29-47) Dom Pedro I adquiriu através de leilão das mãos de Fiengo o principal núcleo da coleção egípcia que se encontra hoje no Museu Nacional. (SOUZA, 1997:3)

O viajante brasileiro mais ilustre foi o imperador Dom Pedro II que visitou o Egito em dois momentos, 1871 e em 1876. (BAKOS, 2004:1-3) O imperador visitou diversos países europeus e o Egito, a viagem do monarca durou em média dez meses. Ao desembarcar em Alexandria rumo a Suez e ao Cairo. Dom Pedro II era um grande estudioso da cultura egípcia como podemos verificar: “*Desde 1856 ele estudava a escrita hieroglífica e se correspondia há um ano com o alemão Émile Charles Brugsch, um dos organizadores do Museu do Cairo. Ao retornar para Portugal o imperador mostrou grande tristeza, pois havia ficado maravilhado com o que conheceu do Egito*”.(COSTA, 2010:2) O gosto pelo Egito em terras brasileiras vem de longa data.

Pirâmides contemporâneas

Atualmente dentre a mais variadas práticas de egiptomania já catalogadas pelo grupo de pesquisa, as logomarcas que remetem as pirâmides representam a maioria. As logomarcas fazem parte da identidade visual (marca) das empresas que possuem como objetivo de “*sintetizar, em poucos elementos, a personalidade da marca, expressar graficamente seus valores*”. A logomarca é composta pelo logotipo (texto) mais o signo gráfico (símbolo).

1. Logomarcas

As logomarcas que serão apresentadas trazem uma mensagem subliminar através da ancoragem, que une o que é dito com o que é visto, e criando uma identificação com sua empresa e conseqüentemente com seus serviços. A redundância de informação é como ancoragem denominada por Barthes, é o texto que limita a polissemia da imagem e reforça a mensagem transmitida. (PIETROFORTE, 2006:1)

1.1 Pirâmide Imobiliária (SP)

A Pirâmide Imobiliária foi descoberta em 2008 e tem sua sede na cidade de Assis, no estado de São Paulo. Sua logomarca está disponível no site da empresa¹³. A logomarca traz o nome pirâmide (no singular) acrescida da imagem em perspectiva na cor vermelho-terra. Podemos verificar no lado direito uma casa que utiliza a mesma cor e tons. A disposição das duas figuras, a casa e a pirâmide no outro lado estão separadas por um gramado. As duas no mesmo tom criam uma semelhança, um elo, quase que uma comparação. A percepção das cores que temos é o vermelho na vertical presente nas laterais separado pelo verde na horizontal.



Logomarca da Pirâmide Imobiliária

¹³ Disponível no site: www.piramideimob.com.br Data: 17/01/2008 Hora: 10h16min.

Barthes nos esclarece assim a *função-signo*, onde o signo carregado de outros significados é “*refuncionalizado*”. A “*refuncionalização*” do signo pirâmide neste caso é o acréscimo da identificação constituída assim por semelhança a pirâmide com a casa que representa o serviço da imobiliária. Calazans a respeito da propaganda subliminar diária que estamos expostos nos diz: “*lutam por prevalecer modos de vida, ideologias, religiões, partidos políticos e marcas comerciais em uma mente na qual há pouco espaço para tantos signos concorrentes*” (Calazans,1932,p.81).

Nada mais lógico então que utilizar um signo mundialmente conhecido e constantemente apropriado. Portanto, consideramos um exemplo de egiptomania uma vez que este elo se caracteriza pela mudança do significado original, e o torna um objeto de uso publicitário visando à sedução.

1.2 Comercial Pirâmide LTDA

A Comercial Pirâmide Ltda, fundada em 1998, localiza-se na cidade de Valparaíso, no estado do Espírito Santo. A logomarca foi pesquisada no site da empresa em 2007. A empresa negocia materiais para construções e reformas, e seu produto principal é relacionado à pintura, produz Tintas, Esmalte Sintético, P.U. Acrílico, Epóxi, Laca Nitro, Metálicos, Poliéster.

Ao analisarmos a logomarca vemos a forma triangular que representa uma das faces da pirâmide. Este triângulo tem sua forma insinuada através da crescente quantidade de retângulos em cor-terra. Os retângulos representam os tijolos onde nos remete a construção, ramo desempenhado pela empresa em questão.



Logomarca da empresa Comercial Pirâmide Ltda

Para compreendermos a apropriação, Kern nos explica da imagem quando carregada de sentidos:

Ela revela ainda o controle estabelecido sob imagens do passado e no mundo contemporâneo, as suas funções exercidas como meio de conhecimento e de verdade, como mecanismo de persuasão, de projeção social, de culto e ritual de sacralização, e por suas especificidades no mundo moderno. Neste momento, ela se peculiarizou pela eficácia para fundar, constituir e autorizar o poder (KERN, 2005,:17).

Isto é, a apropriação das imagens do passado e suas representações no mundo contemporâneo são usadas para seduzir de diversas maneiras, cada uma através de seus possíveis atributos ou os que lhe são atribuídos, de forma a legitimar o seu uso e conseqüentemente o poder de quem as emite.

Assim a Comercial Pirâmide Ltda. se apropria do signo textual (pirâmide) e de uma de suas faces iconográficas (o triângulo), com objetivo de seduzir o público alvo com a mensagem de que a empresa possui o vínculo com o conhecimento milenar antigo de qualidade de construção das pirâmides egípcias. Os tijolos que formam o triângulo podem ser mais um indicativo das pirâmides de origem egípcia, que são formadas por blocos que em média pesam 2,5 toneladas.

2. Logotipo

O Logotipo corresponde à parte textual da logomarca. Apresentaremos um exemplo de logomarca em que seu logotipo traz a referencia das pirâmides egípcias.

2.1 Pirâmides Empreendimentos Imobiliários LTDA

A empresa fundada em 13.7.1987, com sede localizada em Porto Alegre e com uma filial na cidade de Bento Gonçalves, ambas sediadas no RS. A pesquisa sobre esta empresa foi realizada em 2007 através do site da mesma¹⁴.

A Pirâmide Empreendimentos Imobiliários Ltda em sua logomarca apresenta a apropriação textual. Analisando o logotipo da empresa vemos o signo textual pirâmide no singular, cuja vogal “A” encontra-se invertida no sentido lateral em itálico. A grafia em cor marrom contrasta com o símbolo gráfico em amarelo. Este símbolo evidencia cinco degraus, como andares, o que nos remete a um prédio.

¹⁴ Maiores informações no site, disponível em: www.piramide.imb.br Data de acesso: 28/10/2007 Hora: 15h25min.



Logotipo da Pirâmide Empreendimentos Imobiliários Ltda

A apropriação desta empresa estende-se ao site e a suas construções. A cada novo edifício seja residencial ou comercial, a Pirâmide Empreendimentos o nomeia com alguma referencia ao Egito, antigo e/ou contemporâneo. Por motivo de espaço, não aprofundarei este desdobramento da pesquisa neste artigo. Portanto, a mensagem que a empresa deseja transmitir não está ligada a cada construção separadamente, e sim no seu conjunto. A cada nova construção é uma maneira de legitimar a autoridade da empresa em relação às pirâmides egípcias, tornando-a um exemplo singular de apropriação.

3. Signo gráfico

Lembrando que todos os exemplos fazem parte de logomarcas que não trazem o logotipo pirâmide, pois o objetivo é analisar o papel desempenhado pelo signo gráfico que se apropria das pirâmides egípcias.

3.1 M&C IMÓVEIS

A M&C Imóveis¹⁵ foi pesquisada em fevereiro de 2008 e sua área de atuação é na cidade de Sorocaba no estado de São Paulo. A logomarca traz as iniciais da empresa em primeiro plano e como pano de fundo temos a forma triangular baseada em três partes separadas que insinua o contorno, o que nos dá indícios de alusão aos degraus das pirâmides.



Signo triangular insinuado, M&C Imóveis.

¹⁵ Disponível em: www.imeveissorocaba.com.br Acesso em: 21/02/2008 Hora: 18h04min.

O signo gráfico não exprime qual pirâmide egípcia representa, mas visualmente é mais atraente, do que o exemplo analisado anteriormente, pela utilização da cor vermelha que transmite a mensagem subliminar provocativa, em contraste com o azul, “tendo efeito calmante” (Calazans, 1992, 67). O signo é o ponto central desta logomarca, pois se compreende a escolha pela cor vermelha, de maneira a exaltá-lo mesmo contendo o nome sobre ele. Assim a identificação associativa com as pirâmides egípcias ocorre mais fácil.

3.2 CTI IMOBILIÁRIA

CTI Imobiliária foi pesquisada em 2008 através do site¹⁶ da empresa. Localiza-se na cidade de Recife, PE. O signo gráfico nesta imagem encontra-se sem a cúspide, pois no momento em que capturamos do site fica deste modo.



Signo gráfico CTI Imobiliaria

Esta logomarca é bem parecida com a anterior, pois utiliza duas cores, a laranja e o verde, para criar o contraste entre o signo gráfico e o logotipo. Despertou-nos a atenção sobre a criatividade pelo emprego da sigla “CTI” que é de conhecimento comum o setor hospitalar: centro de tratamento intensivo. Esta apropriação em relação à abreviação é o mesmo caso que acontece com a forma triangular, não garantindo a decodificação, pois esta é individual. A identificação acontecerá quando o signo estiver condizente com o que representa, isto é, quanto melhor a apresentação mais chance de ser identificada.

¹⁶ Para maiores informações consultar: www.ctiimobiliaria.com.br, acesso em: 22/02/2008 hora: 19h10 min.

Considerações Finais

Podemos concluir que o que define a egiptomania como parte de um processo transcultural não se restringe à representação, mas sim à decodificação da mensagem embutida subliminarmente no signo, que é o que determinará se este é uma prática social que possa ser considerada um *habitus* planejado ou não. Portanto toda prática de egiptomania possui uma mensagem subliminar.

Segundo Bhabha:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. (...) Essa arte não apenas retoma o passado, como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. (Bhabha, 2007,p.27)

Portanto, podemos considerar as práticas de egiptomania como elemento do “entre-lugar”, pois nela há o encontro do passado e do presente de maneira a ressignifica-lo onde o presente torna-se espectador deste hibridismo. No momento que se reconecta o signo a sua verdadeira mensagem acaba por remeter a origem (contextualização), propondo o *entre-lugar*, o lugar da diferença ao indivíduo consciente.

Através da mensagem transmitida subliminarmente a cada dia o distanciamento do signo de sua origem nos leva a reflexão sobre o potencial da egiptomania como parte deste “entre-lugar”, como poderia ser utilizada para devolver a identidade aos signos de origem egípcia.

Compreendemos que a egiptomania encontra-se em um movimento que tem como ponto de partida as construções egípcias sendo apropriadas pelas empresas através de suas logomarcas, logotipos e signos gráficos, estes nutrem o imaginário reforçando-o e condicionando os indivíduos a estes signos. Com isso, criam-se outras formas de apropriações e suas cópias, fazendo parte do *habitus* social. Quando isto acontece, a identificação por parte da sociedade, formada por indivíduos já condicionados acaba por na sua maioria identificando-os com as pirâmides de Gizé, que se retorna a apropriação às empresas... A egiptomania é um movimento cíclico.

Referencias Bibliográfica

- ARAÚJO, Luis Manuel de. *Egipto As Pirâmides do Império Antigo*. Edições Colibri, 1992. Lisboa, Portugal.
- BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi* (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Casa Nacional da Moeda, 1986. n.5.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Editora UFMG, 2007, BH.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 15. ed. São Paulo : Cultrix, 2003.
- BAKOS, Margaret M. *Egiptomania: o Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- _____. *O que são Hieróglifos*. Editora Brasiliense, 1996. São Paulo.
- BERND, Zilá. *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- CALAZANS, Flávio Mário de Alcantara. *Propaganda subliminar multimídia*. São Paulo : Summus, c1992.
- CARRIÓN, Francisco. *El Museo Egipcio eleva a 54 las piezas desaparecidas durante la revolución*. 15/03/2011 Disponível em: <http://www.elmundo.es>
- COSTA, Karine Lima. *D. Pedro II e suas viagens ao Egito: Repercussão na imprensa caricata (1871 e 1876)*. REVISTA LITTERIS, Número 4, Março de 2010. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/dpedroIIesusasviagensaoegito.pdf>
- Description de l’Egypte*, publiée par les ordens de Napoléon Bonaparte. Köln: Taschen, 2007.
- FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- GOFF, Jaques Le. *História e Memória*. 4. ed. Campinas : UNICAMP, 1996.
- O Egito sob o Olhar de Napoleão*. Material de Divulgação da Exposição. Curadoria de Vagner Carvalho Porto e Antonio B. Junior, no Itaú Cultural em 07/11 a 19/12/2010, São Paulo.
- JESUS, Ana Paula de A. L. de. **PIRÂMIDES DO EGITO ANTIGO: IMAGENS NO COTIDIANO BRASILEIRO NO SÉC – XX e XXI**. Monografia Defendida em Julho/2009 na PUCRS.
- _____. ; BALTHAZAR, Gregory da Silva; COSTA, Karine Lima. Apresentação. In: BAKOS, Margaret Marchiori; MATOS, Júlia Silveira; BALTHAZAR, Gregory da Silva. *Diálogos com o Mundo Faraônico*. Rio Grande: Editora da FURG, 2010.
- L’Ora della Sfinge. Orologi stille neogizio al Museo di Capodimonte a Napoli*. in AD/ANTIQUES. N°4, Março 1998. Ano XVIII. Editora Mocchetti. Milão, Itália.
- SANTOS, Moacir Elias e Marta Locks. *Templos, Crocodilos e Múmias: Ex-votos de Sobek da Coleção do Museu Nacional*. Revista Uniandrade Volume 6, 01 Janeiro-Junho 2005, Curitiba/PR.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz e Regina Dantas. *O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação*. Revista do IEB n°46 Fev.2008.

SOUZA, Nilson José da Silva. *Contribuição à História da Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1999. Reg 115.567, Lv.74, Fl.447, em 07/08/1996.

MACHADO, Ana Maria Alves. *Cultura, ciência e política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil*. In *Museus, dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Argvmentum. Belo Horizonte, 2005.

MAIA, Diogo Corrêa. *A Importância dos Colecionadores de Arte para a Museologia. Um estudo de caso: Eva Klabin Rapaport*. Anais do III Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP. 2007.

MOREIRA, Jane Bonsucesso. Disponível em: <http://www.marcillio.com/rio/> Data de acesso: 15/01/2009 Horário: 19h20min.

Neus Museum Berlin. Egyptian Museum and Papyrus Collection. Museum of Prehistory and Early History. 2º Edição. Editora Prestel Verlag. Monique. 2011.